

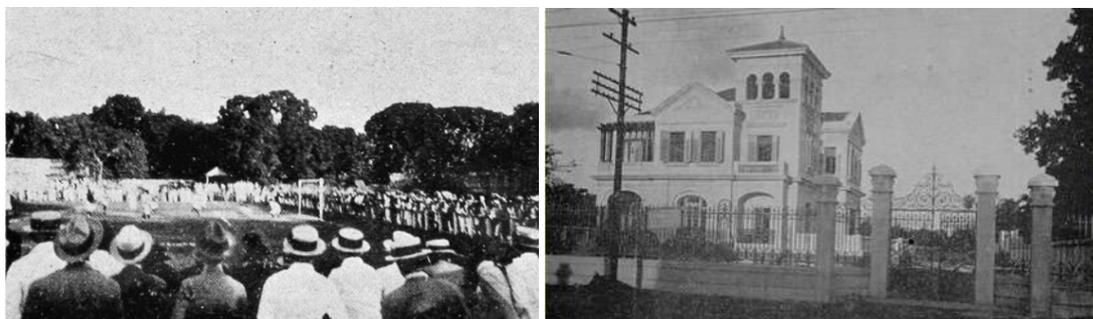
## CARTA ABERTA AO SR. PREFEITO GERALDO JULIO

Sr. Presidente,

O grupo de torcedores do Clube Náutico Capibaribe, que aqui subscreve, vem por meio desta carta, manifestar-se no sentido de provocar o Poder Público Municipal no intento de tornar “Os jogos de futebol profissional do Clube Náutico Capibaribe realizados no bairro dos Aflitos” em **Patrimônio Cultural Imaterial do Recife**, pelas razões que passam a expor a seguir.

A atividade do futebol no Bairro dos Aflitos e mais especificamente no terreno de propriedade do Clube Náutico Capibaribe precede a construção do estádio. Em 1917, ainda apenas um campo de várzea, começou a ser utilizado em jogos oficiais após o terreno onde se localiza ter sido adquirido pela “Liga Sportiva Pernambucana”, entidade que organizava o Campeonato Pernambucano de futebol de então. Dessa forma, pode-se afirmar que o campo dos Aflitos já tem mais de 100 anos de história de futebol.

No ano seguinte, a Liga desistiu do terreno e o Náutico assumiu o arrendamento, se tornando dono definitivo do campo e terreno em 1921, mesmo ano no qual deu início à construção de uma nova sede social.



**Imagem 01: Jogo no Campo dos Aflitos em 1926 (Autor desconhecido)**

**Imagem 02: Palacete da Avenida Rosa e Silva em 1928, atual sede do IN CRA (Autor desconhecido)**

Durante cerca de 20 anos o Náutico utilizou o campo dos Aflitos, naquele período ainda carente de instalações mais adequadas para a prática do futebol. O primeiro registro fotográfico do campo data de 1926 e expõe a simplicidade das instalações, com o terreno cercado por árvores e público assistente posicionado nos limites do campo de jogo.

Na década de 1930, foram erguidas as primeiras arquibancadas, elevando o antigo campo dos Aflitos à categoria de estádio. Como estádio, os Aflitos teve seu primeiro jogo oficial em uma vitória do Náutico sobre o Sport Clube do Recife por 5x2 na decisão do segundo turno do Pernambucano de 1939.

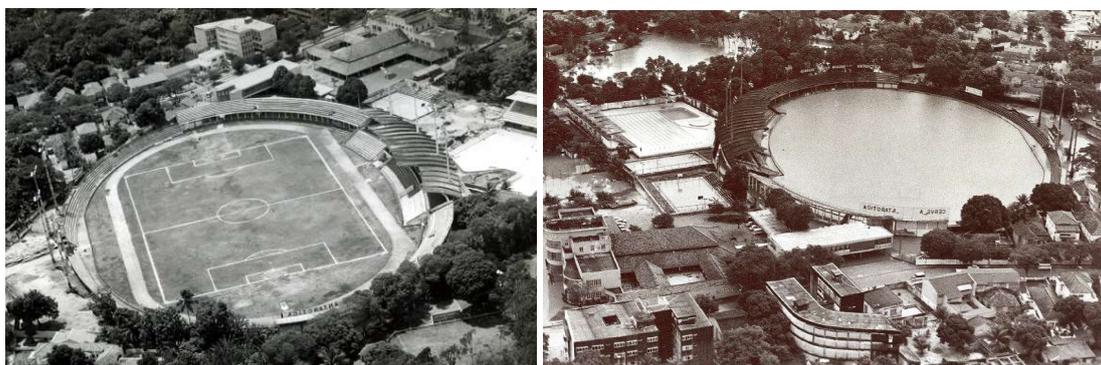


**Imagem 03: Setor de cadeiras e sociais em jogo oficial da temporada de 1950 (Foto: Lucídio José de Oliveira/ Acervo JC)**

**Imagem 04: Clássico realizado no ano de 1961 (Arquivo DP / DA Press)**

Na década de 1940 teve início a construção do setor de cadeiras e sociais que resistem até hoje. Ao longo das duas décadas seguintes, o estádio passou por gradativas ampliações que definiram a configuração que perdurou até a reforma iniciada em 1996.

O estádio foi inicialmente concebido com pista de areia e equipamentos de atletismo, em atendimento aos anseios do Clube Náutico Capibaribe de se apresentar como clube voltado à prática de esportes olímpicos, para além do futebol. Seguindo essa lógica, e em paralelo às obras do estádio, foram construídos no terreno do Náutico nos Aflitos quadras poliesportivas e de tênis, e na década de 1960, um amplo parque aquático.



**Imagem 05: Aérea do Estádio dos Aflitos e do Clube em 1968. (Autor desconhecido)**

**Imagem 06: Aérea do bairro dos Aflitos e do Náutico na cheia de 1975. (Arquivo / DP)**

Nas décadas de 1970 e 1980, o estádio foi menos utilizado do que nas décadas anteriores, devido à defasagem de suas instalações se comparadas aos recém reformados e ampliados estádios dos principais clubes rivais da cidade.

Na década de 1990, o estádio os Aflitos passou por uma reformulação que visava não apenas ampliar a capacidade de público, mas deixar as instalações compatíveis com novos parâmetros de conforto e segurança para estádios de futebol. Com o Clube sem recursos, esta reforma foi bancada com apoio da torcida, e se limitou à ampliação das arquibancadas. Se por um lado a reforma trouxe poucas melhorias em termos de qualidade e conforto para os torcedores, por outro lado permitiu o aumento significativo na média de público em jogos do clube.

Segundo o arquiteto urbanista Cristiano Borba, em seu artigo intitulado *A Morte do Décimo Terceiro Jogador*, publicado na Revista Coletiva (2013), os Aflitos - edifício de dimensões reduzidas inserido no bairro de mesmo nome, aonde se chega rapidamente a pé, sem cerimônias, como quem vai à padaria ou ao bar da esquina - fazia-nos conseguir o máximo de proximidade com o gramado e dava-nos um alto grau de familiaridade – para não dizer intimidade – com os atletas em campo.

Ainda segundo Borba, só os Aflitos nos oferecia as possibilidades de variados níveis de interação com o futebol. Rapidamente, podíamos estar colados ao alambrado, a uma distância pouco maior do que a de um braço para o jogador rival no momento de bater o escanteio e, logo depois, posicionarmo-nos no meio do lanço de degraus da arquibancada, compondo a massa que grita em coro; ou, em seguida, subirmos aos seus pontos mais elevados, para uma melhor leitura de jogo e a tessitura de uma análise mais aprofundada dos erros e acertos do esquete com o colega de sofrimento ao lado.

Segundo o pesquisador Celso Cordeiro, foram mais de três mil jogos nesses 100 anos. Os Aflitos, como é mais conhecido, se tornou um ícone do futebol pernambucano, claro sinônimo de Náutico.

O bairro dos Aflitos foi se desenvolvendo ao longo dos anos ao redor da sede do Clube e de seu Estádio. Pode-se afirmar, sem dúvida, que a história do bairro se confunde com a do Clube, e que os jogos e clássicos aí realizados são eventos culturais da localidade. É inegável a relevância desses jogos no imaginário e identidade do recifense. Jovens cresceram observando a movimentação e se envolvendo nesse ambiente: o povo tomando as ruas para assistir aos jogos entre rivais, caminhando pelo bairro para chegar ao Estádio Eládio de Barros Carvalho, como o popularmente chamado de Estádio dos Aflitos é oficialmente batizado.



**Imagem 5: Chegada do ônibus com a equipe para jogo no Estádio dos Aflitos (Arquivo DP)**

**Imagem 6: Torcida do Náutico na chegada do time aos Aflitos (Foto: Simone Villar / JC)**

Ao longo de décadas, os jogos do Náutico nos Aflitos se tornaram parte das vidas dos moradores do bairro, especialmente os jogos ditos “clássicos”: contra o América, o Santa Cruz e o Sport. Com o declínio do América no cenário local, a importância do primeiro dos citados “clássicos” acabou perdendo-se no tempo, mas, da outra ponta, os jogos com o Santa Cruz e o Sport Clube do Recife foram se consolidando como parte do cenário esportivo e, porque não, cultural, ao longo da vida da presente e das últimas gerações.

Esse fenômeno sofreu com a transferência dos jogos do Clube para a Arena de Pernambuco, mas deve ser recuperado com a perspectiva da volta do time a jogar suas partidas no Estádio,

ao lado de sua sede social, já tratada como edificação histórica pelo município. Sua arquitetura é um dos mais reconhecidos exemplares da produção protomodernista local, sendo considerado um Imóvel Especial de Preservação – IEP, do Recife.

Mas não é apenas a edificação e sua bela arquitetura que têm valor, e é isso que essa carta vem destacar. Os jogos de futebol aí realizados oferecem claros atributos para serem considerados **Patrimônio Cultural IMATERIAL** da sociedade pernambucana e recifense, e como tal, devem ser **registrados e preservados**.

Cabe aqui salientar que o Registro de Bens Culturais de Natureza Imaterial no Brasil teve início a partir do DECRETO Nº 3.551, DE 4 DE AGOSTO DE 2000. Este mesmo DECRETO estabelece o **Livro de Registro dos Lugares, onde serão inscritos mercados, feiras, santuários, praças e demais espaços onde se concentram e reproduzem práticas culturais coletiva**.

A partir desta Lei, os Municípios e Estados da Federação passaram a estabelecer Leis próprias para o Registro de Patrimônio de natureza Imaterial.

Mais recentemente, em 27 de setembro de 2018, foi sancionada em Pernambuco a Lei Estadual n. 16426, que estabelece o **Sistema Estadual de Registro e Salvaguarda do Patrimônio Cultural Imaterial**. Nesta Lei, de conteúdo similar ao estabelecido no Decreto Federal acima citado, destacamos o **Artigo 2: Constituem Patrimônio Cultural Imaterial**, que no seu Inciso IV, define: **os lugares ou espaços de concentrações de práticas culturais coletivas**.

Entendemos que a efervescência urbana de um dia de jogo é um evento que faz parte do imaginário afetivo de quem gosta do futebol, das cores de sua torcida. É algo que se passa de mãe e pai pra filhas e filhos como identidade.

No caso específico do Náutico e do Bairro dos Aflitos, essa condição está evidentemente potencializada pela história centenária de presença do Clube nesta área da cidade, pela evolução urbana e transformação da zona norte da cidade observada nesse período, e acima de tudo, pela atividade do futebol tão enraizada e presença da torcida nas ruas, bares e vida social. Foi assim que os Aflitos se tornou um ícone do futebol pernambucano, claro sinônimo de Náutico.

É isso que se pretende aqui: que o bairro dos Aflitos continue tendo o futebol profissional em sua história. Que não o Estádio, enquanto objeto de concreto e aço, seja considerado patrimônio material, mas que a **Sede do Clube Náutico Capibaribe localizada no Bairro dos Aflitos** seja considerada e enquadrada como **lugar ou espaço de concentração de práticas culturais coletivas, e como tal, seja considerado Patrimônio Cultural Imaterial**. A razão pela qual as ruas se enchem de colorido e de sons da torcida. E, muito especialmente, da torcida alvirrubra!

Recife, 3 de Novembro de 2018

---

### **Múcio Jucá**

Arquiteto Urbanista, formado pela UFPE  
Mestre em Desenvolvimento Urbano pelo  
MDU / UFPE  
Professor de Arquitetura e Urbanismo /  
UNICAP  
Sócio-fundador da Z Arquitetura  
Integrante da Comissão do Direito à Cidade /  
OAB

---

### **Luciano Ferraz de Araújo**

Advogado formado pela FIR,  
Integrante da Comissão do Direito à Cidade /  
OAB  
Sócio do Araújo& Carvalho Advogados  
Associados

---

### **Luiz Amorim**

Arquiteto Urbanista, formado pela UFPE  
Professor Titular da Universidade Federal de  
Pernambuco  
PHD em Advanced Architectural Studies,  
University College London

---

### **André Monteiro Costa**

Engenheiro Sanitarista e de Saúde Pública  
Mestre e Doutor em Saúde Pública pela Escola  
Nacional de Saúde Pública / Fiocruz  
Pesquisador Titular do Instituto Aggeu  
Magalhães / Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz

---

### **Fernando Antonio da Silva Almeida**

Arquiteto urbanista formado pela UFPE,  
Mestre em Desenvolvimento Urbano pelo  
MDU / UFPE,  
Consultor da ONU-Habitat na área de cidades  
inteligentes

---

### **José Fernandes**

Arquiteto Urbanista formado pela UFPE  
Membro do Conselho da Cidade e do  
Conselho de Meio Ambiente  
Secretaria de Planejamento Urbano do Recife

---

### **Cristiano Felipe Borba do Nascimento**

Arquiteto e urbanista pela Universidade do  
Porto, Portugal & UFPE  
Doutor em Desenvolvimento Urbano pelo  
MDU/UFPE, com a tese "O edifício Gadget -  
Da relação entre função, espaço e forma em  
tipos arquitetônicos contemporâneos globais:  
o caso dos estádios de futebol"  
Professor no PPGDU / UFPE  
Analista em Ciência e Tecnologia na Fundação  
Joaquim Nabuco

---

### **Helvio Polito Lopes Filho**

Advogado e Procurador do Município de  
Olinda  
Mestre em Desenvolvimento Urbano pelo  
MDU / UFPE  
Professor de Direito Ambiental da UNINASSAU

---

### **Antonio Carlos Maia**

Arquiteto Urbanista, formado pela UFPE  
MBA em Gestão de Projetos e Obras / Univ.  
Cruzeiro do Sul  
Sócio-fundador do ML&N Arquitetos  
Associados

---

### **Durval Valença Filho**

Médico  
Pós-Graduação em Oftalmologia no Instituto  
Hilton Rocha \_ BH  
Pós-Graduação em doenças da Retina e  
Vítreo, na Harvard Medical School, Boston /  
Massachussets, EUA  
Sócio-diretor do IOR\_Instituto de Olhos do  
Recife  
Vice-Presidente do Clube Náutico Capibaribe  
2014-2015

---

### **Rafael Rangel**

Arquiteto Urbanista, formado pela  
Universidade Católica de Pernambuco  
Mestre em Desenvolvimento Urbano pelo  
MDU / UFPE  
Professor de Arquitetura e Urbanismo /  
UNICAP